



## PRÁTICAS EDUCATIVAS NA CONVIVÊNCIA FAMILIAR DE ADOLESCENTES DO BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA

### PRACTICAL EDUCATION IN FAMILY COEXISTENCE OF ADOLESCENTS FROM BRAZIL, PARAGUAY AND ARGENTINA

### PRÁCTICAS EDUCATIVAS EN LA CONVIVENCIA FAMILIAR DE ADOLESCENTES DE BRASIL, PARAGUAY Y ARGENTINA

Elis Maria Teixeira Palma Priotto<sup>1</sup>, Maria das Graças Carvalho Ferriani<sup>2</sup>, Marta Angélica Iossi Silva<sup>3</sup>

#### RESUMO

**Objetivo:** identificar as práticas educativas parentais coercitivas e não coercitivas na convivência familiar envolvendo adolescentes na tríplice fronteira: Foz do Iguaçu-Brasil, *Ciudad del Este*-Paraguai e *Puerto Iguazú*-Argentina. **Método:** estudo de corte transversal, com 2.788 adolescentes, estudantes dos municípios de fronteira, que responderam a um questionário semiestruturado e autoaplicável. O estudo teve aprovado o projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, Parecer 357/2011-CEP. **Resultados:** 98,4% dos adolescentes sofreram práticas educativas, 50,2% são do sexo feminino e 44,2% do sexo masculino. As práticas não coercitivas são significativas, em sua maioria, no Brasil e no Paraguai. **Conclusão:** há produção da violência no convívio familiar. Sugere-se que os países em estudo busquem a estruturação de uma política de fronteira trinacional para o enfrentamento da violência familiar e a adoção de práticas educativas de não violência. **Descritores:** Adolescente; Relações Familiares; Áreas de Fronteira.

#### ABSTRACT

**Objective:** to identify parenting coercive and non-coercive educational practices in family life, involving adolescents in the triple border: Foz do Iguaçu - Brazil, *Ciudad del Este* - Paraguay and *Puerto Iguazú* - Argentina. **Method:** cross-sectional study with 2,788 adolescents, students of border cities, who answered a semi-structured and self-administered questionnaire. The study was an approved research project by the Research Ethics Committee, Opinion 357/2011-CEP. **Results:** there were 98.4% of adolescents experiencing educational practices, 50.2% were female and 44.2% were male. Non-coercive practices are significant, mostly in Brazil and Paraguay. **Conclusion:** the production of violence in family life. It is suggested that the countries under study seek the structuring of a tri-national border policy, to face domestic violence and the adoption of non-violent educational practices. **Descriptors:** Adolescents; Family Relationships; Border Areas.

#### RESUMEN

**Objetivo:** identificar las prácticas educativas parentales coercitivas y no coercitivas en la convivencia familiar, envolvendo adolescentes en la triple frontera: Foz do Iguaçu - Brasil, *Ciudad del Este* - Paraguay y *Puerto Iguazú* - Argentina. **Método:** estudio de cohorte transversal, con 2.788 adolescentes, estudiantes de las ciudades de frontera, que respondieron a un cuestionario semi-estructurado y auto aplicable. El proyecto de investigación del estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación, parecer 357/2011-CEP. **Resultados:** 98,4% de los adolescentes sufrieron prácticas educativas, 50,2% son del sexo femenino y 44,2% del sexo masculino. Las prácticas no coercitivas son significativas, en su mayoría, en Brasil y en Paraguay. **Conclusión:** la producción de la violencia en la convivencia familiar. Se sugiere que los países en estudio busquen la estructuración de una política de frontera trinacional, para el enfrentamiento de la violencia familiar y la adopción de prácticas educativas de no violencia. **Descriptor:** Adolescente; Relaciones Familiares; Áreas de Frontera.

<sup>1</sup>Enfermeira, Professora Doutora, Curso de Enfermagem, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu (PR), Brasil. E-mail: [elisalmapriotto@hotmail.com](mailto:elisalmapriotto@hotmail.com); <sup>2</sup>Enfermeira, Professora Doutora, Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo/EERP/USP. Ribeirão Preto (SP), Brasil. E-mail: [caroline@eerp.usp.br](mailto:caroline@eerp.usp.br); <sup>3</sup>Enfermeira, Professora Doutora, Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo/EERP/USP. Ribeirão Preto (SP), Brasil. E-mail: [maiossi@eerp.usp.br](mailto:maiossi@eerp.usp.br)

## INTRODUÇÃO

As relações entre pais e filhos constituem uma área de pesquisa que tem despertado o interesse da enfermagem quanto ao enfoque nas práticas educativas, nas quais as estratégias utilizadas pelos pais para orientar o comportamento dos filhos<sup>1</sup> e qual o seu impacto sobre o desenvolvimento dos adolescentes, tanto em nossa sociedade como em todo o mundo, têm chamado a atenção.

Observa-se, no convívio familiar, que pais e filhos exercitam a afetividade, o cuidado mútuo, constroem vínculos, crenças, significados e vivenciam conflitos estruturando uma rede de relações na qual os pais buscam diferentes estratégias para educar seus filhos. Há o conjunto de práticas educativas, traduzidas pelas atitudes e comportamentos, baseados nas crenças e nos valores familiares, utilizados pelos pais na educação e interação com os filhos.<sup>2</sup> E outras que ainda persistem com a punição verbal e/ou física no contexto familiar, justificadas, muitas vezes, como uma prática educativa.<sup>3-4</sup>

Na literatura, encontram-se muitas definições de práticas educativas utilizadas como controle parentais, porém, o autor<sup>5</sup> baseia-se na teoria que foi pioneira e fundamental para mostrar o comportamento dos pais em três estilos.<sup>6</sup> Propôs a divisão das práticas educativas em dois grupos: as não coercitivas e as coercitivas. Nas não coercitivas, as ações encontram-se nas explicações baseadas nas consequências ou nas convenções, nas negociações e a mudança nos hábitos dos filhos, e os comandos verbais não coercitivos objetivam disciplinar, indicar e explicar para a criança e adolescentes as consequências de seu comportamento, utilizando-se os aspectos lógicos da situação. As práticas educativas coercitivas incluem punição verbal, ameaça de punição, privação ou castigo.<sup>7</sup> Havendo, nesse campo, um predomínio de pesquisas voltadas à transmissão de práticas coercitivas que investigaram a transmissão da violência contra os filhos.<sup>8-9</sup>

Na perspectiva teórica, as práticas educativas não coercitivas e coercitivas mostram o desenvolvimento de padrões de comportamentos de competência social ou de desenvolvimento psicossocial por parte dos adolescentes o qual também se denomina de práticas parentais.<sup>4</sup>

Dentro da mesma perspectiva, observa-se que as práticas educativas coercitivas podem desencadear a possibilidade de práticas com produção de violência, fenômeno considerado complexo que abrange todas as sociedades,

reproduzindo-se nas estruturas, nas relações e nas subjetividades de maneiras insidiosas e persistentes.<sup>10</sup>

Concomitante a esses fatos, encontra-se a violência familiar, com fatos geradores de conflitos que podem resultar em atos violentos, como abusos e maus-tratos: físicos, psicológicos, sexuais e envolvendo negligências, abandono ou privação de cuidados.<sup>10</sup>

A violência familiar, nesse contexto, é entendida como violência intrafamiliar ou violência doméstica, ambos os termos dizem respeito aos conflitos familiares transformados em intolerância, abusos e opressão.<sup>10</sup>

Entre as tipologias de violência mais frequentes e, muitas vezes mais graves, estão aquelas acometidas no ambiente doméstico, atos de violência com efeitos devastadores na vida dos adolescentes em formas de vitimização física e emocional, mas também com repercussões na sua família e na sociedade.<sup>11</sup>

Um estudo com 11 países na América Latina comenta que a violência familiar aparece como a mais frequente contra adolescentes<sup>12</sup> do sexo feminino, sendo as formas de violências sexuais ou físicas contra meninas adolescentes de 15 a 19 anos de idade as com maior prevalência.

A literatura científica ainda aponta que as notificações da violência doméstica, sexual e/ou outras violências incidem em todas as faixas etárias indiscriminadamente e suas ocorrências se dão preponderantemente na residência das vítimas. Com relação aos casos de vitimização no domicílio, diminuem na faixa dos 10 aos 19 anos de idade, mas, ainda assim, a maioria dos casos ainda acontece na residência. A partir dos 15 anos de idade, começam a ter incidência secundária, ou seja, as violências passam a acontecer na via pública.<sup>13</sup> Mais especificamente no Estado do Paraná, nos últimos cinco anos, o Sistema de Informação para Infância e Adolescência (SIPIA) registrou 8.544 casos de privação ou dificuldades no convívio familiar envolvendo crianças e adolescentes e 15.573 casos de inadequação do convívio familiar,<sup>14</sup> definida como todas as violências cometidas pela família e são registradas como violação ao direito familiar de Convivência Familiar e Comunitária.<sup>15</sup> Foz do Iguaçu registrou 326 casos de privação ou dificuldade no convívio familiar e 356 de inadequação do convívio familiar.<sup>14</sup>

Nesse contexto, destaca-se a importância que esta temática tem para a Enfermagem quanto ao fato de que as práticas educativas

parentais encontram-se identificadas como os principais determinantes do funcionamento familiar e do bem-estar dos adolescentes. Assim, o setor saúde é, hoje, um dos principais setores sociais capazes de atuar preventivamente sobre as formas de violência sofridas e praticadas pela instituição familiar,<sup>16</sup> aprimorando sua eficiência no estudo e atendimento das famílias<sup>4</sup>, e ainda compreende as diferentes tipologias da violência envolvendo adolescentes de três municípios/países, e torna-se um grande desafio, por se tratar de um recorte etário, com características étnico-culturais, políticas e econômicas,<sup>17</sup> todas importantes e em intensas mudanças, abrangendo todo o meio social e familiar.

Desse modo, com esta análise, objetiva-se responder a seguinte questão: quais são as práticas educativas mais utilizadas com os adolescentes pelos pais e/ou responsáveis? Para tanto, estabeleceu-se como hipótese que os adolescentes dos três municípios/países sofrem com maior prevalência as práticas educativas coercitivas. Nessa perspectiva, objetiva-se identificar as práticas educativas parentais coercitivas e não coercitivas na convivência familiar envolvendo adolescentes na tríplice fronteira: Foz do Iguaçu - Brasil, *Ciudad del Este* - Paraguai e *Puerto Iguazú* - Argentina.

## MÉTODO

Estudo de corte transversal analítico realizado com adolescentes, estudantes do Ensino Fundamental (7º ao 9º ano) e Médio (1º a 3º ano) de escolas públicas e residentes nos municípios de Foz do Iguaçu (Brasil), *Ciudad del Este* (Paraguai) e *Puerto Iguazú* (Argentina).

O estudo foi realizado no período de 2010 a 2012. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário individual, semiestruturado, autoaplicável e anônimo. O questionário foi avaliado e traduzido para o idioma espanhol. Realizou-se um pré-teste para a adequação do questionário (40 questões) de coleta de dados, buscando avaliar o conteúdo, a estrutura e a aplicabilidade em uma população com características semelhantes à população em estudo.

No Brasil, o pré-teste foi conduzido com 10 alunos do Ensino Fundamental e Médio, no Paraguai, com 10 alunos do Ensino Básico e Médio Secundário e, na Argentina, com 10 alunos do Ensino Primário e Secundário, totalizando 30 participantes voluntários. No que diz respeito às questões éticas, também neste pré-teste foram recolhidos os Termos de Assentimento e Consentimento Livre e

Esclarecido junto aos estudantes e seus responsáveis. Por conseguinte, para a realização deste estudo, buscaram-se, no questionário inicial do estudo maior, as questões que melhor pudessem responder ao objeto do estudo e aos objetivos propostos.

Feito o recorte, analisaram-se as questões relativas às características sociodemográficas (idade; ano escolar; raça/cor; estado civil; renda familiar; religião; ser ou não praticante da religião). Dentro da mesma perspectiva, a questão para obter a variável, práticas educativas, relatadas pelos adolescentes e utilizadas pelos seus pais na convivência familiar, centrou-se no que os pais utilizam como normas disciplinares: a) o diálogo e o entendimento mútuo; b) a imposição de limites, sem o diálogo; c) fazer tarefas domésticas (de casa), como?; d) o castigo físico, como?; e) proibir algo de que gosta, como?; f) xingar, como?; g) outras.

Considerando o total de alunos matriculados nos três municípios/países, obtiveram-se o tamanho amostral pelo método de amostragem estratificada e a aleatorização dos indivíduos entrevistados por meio de um sorteio com base nas listas fornecidas pelas escolas/colégios, totalizando 2.788 adolescentes, sendo 1.014 adolescentes de *Puerto Iguazú* (Argentina), 1.071 adolescentes de Foz do Iguaçu (Brasil) e 703 adolescentes de *Ciudad del Este* (Paraguai). O plano amostral adotou como critérios de inclusão: adolescentes com idade entre 12 e 18 anos de ambos os sexos, estudantes de escolas públicas e residentes no município/país em estudo. E como critérios de exclusão: adolescentes com dificuldades para compreender as perguntas do questionário.

A análise dos dados foi precedida pela elaboração de um banco de dados no programa Excel e depois importados para a análise estatística no programa *Statistical Analysis Software* (SAS), versão 9.0<sup>18</sup>, considerando-se um nível de significância em todas as análises de 95%. Para a descrição geral dos dados relativos às características sociodemográficas, obteve-se a prevalência, por meio de análise descritiva de frequência e porcentagens, na variável dependente foi a prática educativa utilizada pelos seus pais e as variáveis independentes foram: sexo e país. Por meio de modelos de regressão logística, foi possível medir e identificar a existência ou não de associação entre as práticas educativas relatadas pelos adolescentes e utilizadas pelos pais em relação ao sexo e país, segundo a medida de quantificação da associação *Odds Ratio/Razão de chances* (OR).

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética

em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE (Parecer 357/2011-CEP), sendo respeitada a questão do anonimato, da confidencialidade das informações e da voluntariedade de participação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos responsáveis dos participantes menores de 18 anos e pelos adolescentes maiores de 18 anos, e o Termo de Assentimento pelos adolescentes menores de 18 anos.

## RESULTADOS

A população do estudo consistiu de 2.788 adolescentes, sendo que 1.414(50,7%) eram do sexo feminino e 1.261(45,2%) do masculino. A idade média dos participantes foi de 14,6 anos (Desvio-Padrão 2,1), sendo 1.071 para o Brasil (BRA), 703 para o Paraguai (PY) e 1.014 para a Argentina (ARG).

Quanto ao nível de escolaridade, pode-se observar na Tabela 1 que 61% estavam matriculados no Ensino Fundamental e 30% no Ensino Médio. Quanto à raça/cor, a maior prevalência foi da raça/cor branca com 46,7% para o Brasil e 49% para o Paraguai, e a parda/*trigueña* com 46,4% para a Argentina, destacando que a raça/cor negra e a indígena foram minorias nesta região. O estado civil que prevaleceu foi o de solteiros com 2.428(87%) por município/país. A renda média familiar foi de menos de um salário-mínimo a três salários-mínimos (SM) na moeda vigente para cada país analisado.

No conjunto dos três municípios/países analisados, totalizaram-se 80,3% de adolescentes pesquisados que confirmaram ter uma religião, sendo o sexo feminino com maior prevalência com 1.178 estudantes e, destes, 67,9% são praticantes. Destaca-se, ainda, por faixa etária a maior prevalência (39,2%) para 12 a 14 anos que relataram ter uma religião, destes, 68,2% relataram ser praticantes.

Quanto às práticas educativas adotadas pelos pais ou responsáveis como ações educativas parentais para regular o comportamento dos filhos no cotidiano familiar, é aqui analisado por país e sexo como possíveis fatores de vulnerabilidade, em que 2.744 (98,4%) adolescentes afirmaram que SIM recebiam práticas educativas, sendo 1.400 (50,2%) do sexo feminino e 1.233 (44,2%) do sexo masculino.

Com relação ao país, as práticas educativas parentais mostram associação significativa diante dos fatores de vulnerabilidade. Evidenciando-se, para os adolescentes do Brasil, com (OR=

ARG/BRA=0,77; IC:0,64-0,91), maiores chances de obter diálogo e entendimento mútuo do que os adolescentes da Argentina, e os adolescentes do Paraguai (OR=PY/BRA=1,23; IC:1,01-1,49) com maiores chances de obterem diálogo e entendimento do que os adolescentes do Brasil. Mostram ainda que o Brasil obteve maiores chances de sofrer a imposição de limites (OR=BRA/ARG=0,68;IC0,53-0,87) em relação aos adolescentes da Argentina e maiores chances (OR=BRA/PY=0,38;IC:0,27-0,52) em relação aos adolescentes do Paraguai.

A análise das práticas educativas parentais revela ainda que, quanto a receber xingamentos, são os adolescentes da Argentina que mostram (OR=ARG/BRA=3,36; IC:2,40-4,72) maiores chances de recebê-los do que os adolescentes do Brasil. Os argentinos também apresentam (OR=ARG/BRA=1,63; IC:1,36-1,94) maiores chances quando comparados aos do Brasil de ter práticas educativas - proibir algo de que gosta e maiores chances quando comparadas aos do Brasil de ter de realizar tarefas domésticas (OR=ARG/BRA=1,43;IC:1,19-1,71), como encontrou-se uma relação significativa de maiores chances dos adolescentes da Argentina (OR=ARG/BRA=2,65;IC:1,93-3,65) e do Paraguai (OR=PY/BRA=1,54;IC:1,05-2,24) para sofrerem as práticas educativas parentais, com castigos físicos, do que os adolescentes do Brasil.

Os dados demonstram também que, devido à questão ser de múltipla escolha, na análise do total dos pesquisados por país, evidenciaram-se 36,5% para ter de realizar tarefas domésticas, 37,6% ter proibido algo de que gosta, 13,2% ter imposição de limites sem o diálogo, 8,6% de xingamentos e 9,2% de castigos físicos.

Quanto ao sexo feminino, este obteve maior prevalência em relação ao sexo masculino para receber diálogo e entendimento, proibir algo de que gosta, fazer tarefas domésticas, imposição de limites sem diálogo, castigo físico e xingamentos. Entretanto, foram em duas práticas educativas parentais que o sexo feminino obteve diferença significativa, em relação ao sexo masculino, para realizarem tarefas domésticas (OR= F/M= 0,65; IC:0,55-0,76) e receber xingamentos (OR=F/M= 0,74; IC:0,56-0,98). O sexo masculino não mostrou associação significativa em relação ao sexo feminino para nenhuma das práticas educativas analisadas.

Por países, analisou-se a prevalência de adolescentes que têm uma religião e sofrem práticas educativas coercitivas, com 7,2% para

castigos físicos e 6,7% para xingamentos (violência verbal) do total de adolescentes pesquisados. E quanto à raça/cor, a branca com 7,3% e a parda com 9% sofrem violência verbal (xingamentos). Quanto aos castigos físicos (violência física), apresentam-se com maior prevalência na raça/cor branca com 9%

e na parda com 7%. Nessas mesmas violências por faixa etária, observou-se que, entre 12 e 14 anos, a violência física e verbal é mais prevalente, com 11,7% e 7,9%, respectivamente.

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos adolescentes em relação ao sexo e país: Argentina, Brasil e Paraguai, 2010-2012.

Variáveis		Sexo			País		
		M	F	NR	ARG	BRA	PY
		n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
Idade (anos)	12 a 14	613 (48,6)	698(49,3)	44 (3,2)	488 (48,1)	513 (47,9)	354 (50,4)
	15 a 16	418 (33,2)	466(33)	45 (4,8)	346 (34,1)	367 (34,4)	216 (30,7)
	17 a 18	221 (17,59)	243(17,2)	23 (4,7)	175 (17,3)	189 (17,6)	123 (17,5)
Ano	NR	9 (0,7)	7 (0,5)	1 (5,8)	5 (0,5)	2 (02)	10 (1,4)
	7°	278(22)	252(17,8)	12(0,4)	246(24,3)	169(15,8)	127(18,1)
	8°; 1° (a)*	276(21,9)	307(21,7)	37(1,3)	275(27,1)	207(19,3)	138(19,6)
	9°; 2° (a)*	231(18,3)	287(20,3)	22(0,7)	186(18,3)	203(19)	151(21,5)
	1°; 3° (a)*	185(14,7)	203(14,4)	7(2,5)	115(11,3)	199(18,6)	81(11,5)
	2°; 4° (a)*	98(7,8)	137(9,7)	12(0,4)	43(4,2)	131(12,2)	73(10,4)
Raça/Cor	3°; 5° (a)*	76(6)	112(7,9)	8(0,2)	67(6,6)	114(10,6)	15(2,1)
	NR	117(9,3)	116(8,2)	15(0,4)	134 (13,2)	48 (4,5)	66 (9,4)
	Branca	549 (43,5)	625 (44,2)	53(1,9)	382 (37,7)	500 (46,7)	345 (49,1)
	Parda/morena/T rigueña	521 (41,3)	640 (45,3)	40(1,5)	471 (46,4)	424 (39,6)	306 (43,5)
	Negra/Preta	86 (6,8)	60 (4,2)	8(0,2)	69 (6,8)	76 (7,1)	9 (1,3)
	Amarela	35 (2,8)	34 (2,4)	1(0,1)	10 (1)	34 (3,2)	26 (3,7)
	Indígena	29 (2,3)	19 (1,3)	1(0,1)	35 (3,5)	14 (1,3)	0 (0)
Estado Civil	NR	41(3,3)	36(2,6)	10(0,3)	47 (4,6)	23 (2,1)	17 (2,4)
	Solteiro	1095 (86,5)	1243 (87,9)	90(3,2)	822 (81,1)	961 (89,7)	645 (91,8)
	Outro	56 (4,4)	67 (4,7)	4(0,1)	63 (6,2)	54 (5,1)	10 (1,4)
	Casado	17 (1,4)	16 (1,1)	1(0,1)	16 (1,6)	14 (1,3)	4 (0,6)
	Separado	15(1,2)	11(0,8)	4(0,1)	9(0,9)	13(1,2)	5(0,7)
Renda Familiar	NR	78(6,2)	77(5,5)	17(0,6)	104 (10,2)	29 (2,7)	39 (5,5)
	Menos 1 SM	249 (19,8)	305 (21,5)	27(0,9)	116 (11,4)	189 (17,7)	276 (39,3)
	SM						
	1-3 SM	430 (34,1)	534 (37,8)	30(1,1)	97 (9,6)	631 (58,9)	266 (37,8)
Religião	4 a 5 SM	102 (8,1)	92 (6,5)	7(0,2)	18 (1,8)	147 (13,7)	36 (5,1)
	Mais de 5 SM	47 (3,7)	35 (2,5)	1(0,1)	10 (1)	45 (4,2)	28 (4)
	NR	433(34,3)	448(31,7)	48(1,7)	773 (76,2)	59 (5,5)	97 (13,8)
	Sim	981 (77,8)	1178 (83,3)	81(2,9)	708 (69,8)	880 (82,2)	652 (92,8)
	Não	237 (18,8)	203 (14,4)	20(0,7)	238 (23,5)	183 (17,1)	39 (5,5)
Praticante	NR	43(3,4)	33(2,3)	12(0,4)	68 (6,7)	8 (0,7)	12 (1,7)
	Sim	576 (45,7)	801 (56,7)	45(1,6)	318 (31,3)	602 (56,2)	502 (71,4)
	Não	225 (17,8)	198 (14)	16(0,6)	160 (15,8)	195 (18,2)	84 (12)
Total	NR	460(36,5)	415(29,3)	52(1,9)	536 (52,9)	274(25,6)	117(16,6)
		2.788(100)					

\*Ano (Ensino): 8° ano do Ens. Fundamental do BR e 8° grado Ed. Básica 3° ciclo do Py =1° (a) do Ensino Secundário da ARG; 9° ano do Ens. Fundamental do BR e 9° grado Ed. Básica 3° ciclo do Py = 2°(a) Ens. Secundário da ARG; 1° ano do Ensino Médio do BRA e 1° ano Médio - Ed. Escolar Média Secundário do Py = 3°(a) ano Ens. Secundário da ARG; 2° ano do Ens. Médio do BRA e 2° año Ens. Médio - Ed. Escolar Média Secundária do PY = 4°(a) Ens. Secundário da ARG; 3° ano do Ens. Médio do BRA e 3° ano Médio - Ed. Escolar Média Secundário do PY = 5° (a) Ens. Secundário da ARG;\*\* Raça/cor: *trigueña* para Argentina.

**Tabela 2.** Caracterização das práticas educativas relatadas pelos adolescentes e utilizadas pelos seus pais em relação ao sexo e país - Argentina, Brasil e Paraguai, 2010-2012.

Variáveis	Sexo		Odds Sexo	País			Odds País		
	M	F	M/F	ARG	BRA	PY	ARG/BRA	PY/BRA	
	n (%)	n (%)	OR*(IC95%)**	n (%)	n (%)	n (%)	OR(IC95%)	OR(IC95%)	
Diálogo e o Entendimento mútuo	Sim	719(25,8)	828(29,6)	0,939	531(19,1)	630(22,6)	448(16,1)	0,770	1,230
	Não	542(19,4)	586(21,1)	(0,805-1,095)	483(17,3)	441(15,8)	255 (9,1)	(0,647-0,915)	(1,011-1,496)
	NR	113(4,1)							
Proibir algo de que gosta	Sim	450(16)	552 (20)	0,866	463(16,7)	364(13,1)	217 (7,8)	1,632	0,867
	Não	811(29)	862(30,9)	(0,740-1,014)	551(19,7)	707(25,3)	486(17,4)	(1,368-1,948)	(0,707-1,063)
	NR	113(4,1)							
Tarefas domésticas	Sim	93(14,1)	580(20,8)	0,651	423(15,2)	357(12,8)	238 (8,5)	1,431	1,024
	Não	868(31,1)	834(29,9)	(0,555-0,764)	591(21,2)	714(25,6)	465(16,7)	(1,198-1,711)	(0,837-1,252)
	NR	113(4,1)							
Imposição de Limites	Sim	158 (5,7)	199 (7,2)	0,875	128 (4,6)	186 (6,7)	52 (1,9)	0,687	0,380
	Não	1103(39,5)	1215(43,5)	(0,699-1,094)	886(31,8)	885(31,7)	651(23,3)	(0,539-0,877)	(0,275-0,525)
	NR	113 (4,1)							
Sem diálogo	Sim	118(4,2)	127(4,5)	1,046	136(4,9)	59(2,2)	58(2,1)	2,657	1,540
	Não	1143(41)	1287(46,2)	(0,804-1,361)	878(31,4)	1012 (36,3)	645(23,1)	(1,932-3,654)	(1,059-2,246)
	NR	113 (4,1)							
Xingar (falar mal)	Sim	91 (3)	134 (4,9)	0,743	141 (5,1)	49 (1,8)	46 (1,7)	3,369	1,460
	Não	1170 (42)	1280 (46)	(0,563-0,981)	873(31,3)	1022 (36,6)	657(23,5)	(2,404-4,720)	(0,965-2,209)
	NR	113 (4,1)							
Outros	Sim	10 (0,3)	17 (0,6)	0,657	13 (0,5)	12 (0,5)	6 (0,2)	1,146	0,760
	Não	1251 (44,9)	1397(50,1)	(0,300-1,440)	1001(35,9)	1059 (37,9)	697 (25)	(0,521-2,524)	(0,284-2,034)
	NR	113 (4,1)							
<b>Total: 2.788(100)</b>									

\*OR= A Razão de chances foi calculada pela referência do sim; \*\*IC= Intervalo de Confiança.

## DISCUSSÃO

Entende-se a família como o primeiro grupo de referência social na história do indivíduo e, muitas vezes, essas famílias colaboram na produção da violência, via prática educativa tida como normal, com a ausência de afeto ou atitudes e comportamentos agressivos e intransigentes, para regular o comportamento dos adolescentes. Porém, cabe aos profissionais que lidam com adolescentes se capacitar e se pronunciar, qualquer que seja o tipo de violência que pode ser evitável, por meio de orientação aos pais e/ou responsáveis sobre a adoção de práticas educativas não coercitivas, não violentas e que sejam apropriadas para assegurar a erradicação da violência que representa um sério desafio no âmbito da adolescência.<sup>16</sup>

Os dados indicam a projeção de adolescentes nos países estudados, sendo o Brasil atualmente com 15,4 milhões de adolescentes com idade entre 15 e 19 anos.<sup>19</sup> No Paraguai, a população de adolescentes de

14 a 17 anos é de 21,3% (548.304) e<sup>20</sup> na Argentina a estimativa era de 25,4% para 0 a 14 anos e de 63,6% para 15 a 64 anos.<sup>21</sup>

Dentre os entrevistados, observou-se o sexo masculino com maior prevalência no Ensino Fundamental no Brasil, educação básica 3º ciclo e Ensino Secundário do Paraguai e da Argentina e o feminino no Ensino Médio do Brasil, Paraguai e Argentina, mostrando que o sexo masculino para de estudar, tendo como hipótese, para buscar trabalho.

Quanto à raça/cor, prevaleceu a branca para o Brasil e o Paraguai e a parda/trigueña para a Argentina, destacando que a raça/cor negra e a indígena foram minorias nesta região. Diferente de outro estudo, que refere maior prevalência da raça/cor negra e da parda.<sup>22</sup> O estado civil confirmado pelos adolescentes entrevistados, mesmo tendo a prevalência para solteiros, destacou-se devido ao fato de os adolescentes estarem assumindo relacionamentos conjugais precocemente como casamentos ou morar juntos, com idades entre 12 e 14 anos, principalmente

adolescentes do Paraguai. Tal afirmação contraria a lei de idade legal mínima (dos três países) para o casamento, que é de 18 anos, mas pode ser reduzida para 16 anos com a permissão dos pais ou de um juiz.<sup>23</sup> Assim como os dados referentes à média da renda familiar aproximam-se dos publicados, cuja renda mensal variou de menos de 1 SM até 4 SM.<sup>24</sup>

Entre os questionamentos sociodemográficos, aparece o item ter ou não ter uma religião e ser ou não ser praticante desta, justificando-se que a religiosidade tem sido reconhecida como uma importante fonte de apoio ou de proteção em face às ocorrências estressantes. Sabe-se de estudos populacionais vêm demonstrando elevados índices de religiosidade/espiritualidade, evidenciando a associação positiva entre o envolvimento religioso (95%), tendo 68% o catolicismo e 23% o protestantismo/evangélico.<sup>24</sup> Tais achados assemelham-se aos aqui obtidos quanto à crença religiosa, que evidenciou o catolicismo com 80,3%, sendo mais prevalente no Paraguai com 92,8% de adolescentes que confirmaram ter uma religião.

Ter uma religião é confirmado pelos adolescentes, e mesmo assim eles sofrem com as violências física (castigos físicos) e verbal (xingamentos). Assim como a religião, raça/cor e faixa etária também são fatores a serem considerados, os quais mostraram que a raça/cor branca e a parda, sofrem mais violência física e violência verbal, e por faixa etária, são os adolescentes de 12 a 14 anos. Um estudo comenta que a raça/cor negra sofre mais violências em interface com a violência de gênero, apontando maior vulnerabilidade em situações de violência doméstica.

Outros estudos mostram, ainda, que a religião é fator de proteção independentemente da afiliação, pois o adolescente que se considerava praticante de uma religião teve menor chance de relatar exposição ao consumo de bebidas alcoólicas e tabagismo.<sup>25</sup> No entanto, neste estudo ter uma religião (80,3%) não se configurou como fator de proteção devido à prevalência de 98,4% de adolescentes confirmarem que sofrem com práticas educativas parentais.

Na sequência, os resultados do estudo mostraram que sofrer qualquer tipo de violência constitui-se num fator importante de vulnerabilidade social para os adolescentes pesquisados, por consistir em dinâmicas familiares pautadas no uso da violência para a resolução de conflitos, como tática educacional ou como demonstração de afetos

que estranhamente podem se materializar sob a forma de abusos físicos, psicológicos, sexuais e pela negligência.<sup>26</sup> Mais especificamente as violências sofridas e aqui analisadas como práticas educativas parentais coercitivas ou não coercitivas para os adolescentes levaram à conclusão de que efetivamente 98,4% sofrem as práticas educativas impostas ou acertadas por seus pais e/ou responsáveis.

Destaca-se que, nas práticas educativas, evidenciaram-se associações significativas para os adolescentes do Brasil e do Paraguai para receberem as práticas educativas não coercitivas, sendo o diálogo e o respeito mútuo, ditos como mediadores, uma vez que a inter-relação entre eles mostra a influência positiva quanto ao suporte e à redução do estresse.<sup>27</sup>

De acordo com um estudo, o diálogo faz parte da estratégia indutiva que possibilita a compreensão das implicações das ações e justifica a necessidade de mudança de comportamento. Sugere-se explicar ao adolescente sobre seu comportamento e consequências, esclarecer regras e valores ou explicar sobre as possíveis implicações ruins ou dolorosas de suas ações sobre os outros. Esses resultados coincidem com outro estudo ao referir que a família representa um ponto de referência afetiva e de estabilidade. Sendo essa instituição extremamente valorizada pelos entrevistados, 92% têm uma relação positiva ou muito positiva com a família.<sup>4</sup>

Destacou-se, no entanto, como preocupante, a associação significativa com maiores chances de sofrerem práticas educativas coercitivas de violência física (castigo físico) os adolescentes da Argentina e do Paraguai. Sendo que esses castigos físicos, em sua maioria, foram exemplificados pelos adolescentes como bater com cintos, fios de luz, corrente, mangueira, varas, ficar de joelho no milho, chicotear, bater nos irmãos, apertar a mão, amarrar numa árvore e bater muito.

O uso de castigo físico é considerado uma estratégia coercitiva. E, de acordo com os autores, essa prática resolve o problema em curto prazo, mostrando a predominância de práticas coercitivas em 39% de maneira geral, constatando que houve uma manutenção de práticas coercitivas entre as gerações e reforçando os resultados de estudos nacionais e internacionais que destacaram a continuidade de comportamentos agressivos e práticas educativas inconsistentes.<sup>8</sup>

Os adolescentes da Argentina mostram-se ainda com associação significativa de maiores chances para ter de realizar tarefas

domésticas e para lhes proibirem algo de que gostam que, de modo geral, foi exemplificado como proibir o uso do computador, praticar esportes, namorar, sair com amigos, usar o celular, ver televisão, fumar narguile, andar de motos, ir ao colégio, tomar tereré, fazer chapinha, andar de bicicleta, ir à igreja.

Os achados evidenciaram também que os adolescentes da Argentina sofrem com a violência verbal, xingar, sendo as tarefas domésticas e o xingar com maiores chances para o sexo feminino em relação ao masculino.

A violência verbal, ou seja, os xingamentos são dados como exemplos pelos adolescentes dos três países, em sua maioria, com expressões de baixo calão como vadio, besta, tonga, maconheiro, drogado, palhaço, idiota, animal, não queria que você existisse, estúpida, índio, praga, bandida, você é um castigo, não sou mais sua mãe, marica, gay, demônio, tarado etc.

O Brasil apresenta-se com associação significativa com maiores chances para receber práticas educativas parentais coercitivas de imposição de limites, sem diálogo, que os adolescentes da Argentina e do Paraguai.

Um estudo confirma os resultados obtidos quanto às práticas educativas parentais coercitivas por referir que, na população estudada, 40% afirmaram impor sua vontade sobre o filho; com relação às crianças, 57% apanharam dos pais, em situações de imposição de limites. Quanto às atitudes adotadas pelos pais dos entrevistados para a resolução de problemas do cotidiano familiar, 57% responderam que usam a força física; 15% castigam e 7% utilizam a repreensão verbal por meio de gritos e palavras inadequadas; e não confirmam quando referem apenas 19% para o diálogo (conversam).<sup>5</sup>

Tais resultados fortalecem-se com a produção científica e as estatísticas nacionais e internacionais de órgãos de referências de proteção à infância e à adolescência que indicam o abuso físico como a categoria de maus-tratos mais frequente. No Paraguai, a violência doméstica e o abuso aparecem com 61% de adolescentes vítimas, tendo como atos de violência o castigo físico, humilhação e agressões verbais.<sup>12</sup> E, ainda, sofrer punição física contribui para a desadaptação de adolescentes, comprometendo seu desenvolvimento.<sup>4</sup> Outro estudo afirma que adolescentes de 18 anos sofrem com maior incidência a violência física em 47,7% dos casos, desses, 2,6% corresponderam à tentativa de homicídio ou homicídio consumado. Os casos de violência psicológica

aparecem com 20,3%. Detectou-se, ainda, que os agressores em menor proporção são familiares e pessoas do convívio, tais como pai, filho, irmão, genro, entre outros, reafirmando que a violência contra a adolescente é praticada por pessoas próximas.<sup>28</sup>

Observou-se, ainda, que, no item outras práticas educativas parentais, os adolescentes citam como exemplos que os pais não falam nada, que em casa não há normas disciplinares, que não o deixam falar, que só dão sermão, que o obrigam a ler a Bíblia em casa quando não querem lê-la, que o deixam trancado no quarto, que o fazem ser um adulto quando ainda é tão garoto, que têm de viver com muita ordem.

O conjunto de dados reflete uma sociedade desigual com pais ausentes e sugere que a violência na família (intrafamiliar e doméstica), mesmo com uma prevalência menor que o diálogo, persiste em dinâmicas familiares pautadas no uso da violência para a solução de conflitos como estratégia educacional ou como expressão de afetos que estranhamente podem se materializar sob a forma de abusos físicos, psicológicos, sexuais e pela negligência.<sup>29</sup>

Diante do exposto, os dados mostraram que os adolescentes permanecem vulneráveis a todas as práticas educativas parentais analisadas, sugerindo-se que todos eles sofrem no ambiente familiar.

Com efeito, somente compreendendo as vulnerabilidades que apresentam uma situação onde as ações e comportamentos induzem para a produção de violências e discutindo sobre as práticas educativas parentais coercitivas e não coercitivas que envolvem os adolescentes, no seu contexto familiar, pode-se promover a prevenção da violência na família, objetivando prezar pelo princípio da assistência integral.<sup>30</sup>

## CONCLUSÃO

Sabe-se que, no mundo, há milhões de adolescentes expostos à violência dentro de suas casas. No entanto, é importante destacar que as tipologias de violência aqui evidenciadas são influenciadas por especificidades sociais e culturais atuantes e conflitantes com a posição social ocupada por esses adolescentes na tríplice fronteira, em associação com o que interfere como fator de vulnerabilidades em relação aos jovens quanto às práticas educativas recebidas pelos pais e/ou responsáveis.

A hipótese inicial do estudo de que os adolescentes dos três municípios/países

relatariam sofrer mais práticas educativas parentais coercitivas não foi integralmente apoiada pelos resultados, visto que a maior prevalência foi para as práticas educativas não coercitivas, mostrando interações marcadas por sentimentos afetivos positivo. Ou seja, as práticas educativas parentais não coercitivas mostram associação significativa em dois municípios/países estudados: Brasil e Paraguai, entretanto, a questão era de múltipla escolha, isto é, os mesmos adolescentes que afirmam ter o diálogo e o entendimento mútuo também afirmam sofrer as demais práticas educativas coercitivas, revelando que as práticas educativas coercitivas ainda persistem no contexto familiar e com relevância nos três municípios/países.

Constatando-se que os adolescentes da Argentina mostraram associação significativa para sofrer as práticas educativas coercitivas como ter proibido algo de que gostem, realizar tarefas domésticas, violência física e violência verbal, os adolescentes do Brasil sofrem com a imposição de limites, sem diálogo, e os adolescentes do Paraguai com tarefas domésticas, castigos físicos e ter algo proibido de que gostem. Concluindo que os adolescentes da Argentina, do Brasil e do Paraguai estão vulneráveis às práticas educativas parentais estabelecidas nas relações de convivência familiar que, na maioria das vezes, é silenciosa, oculta e flagelante. Sugerindo-se que todos os adolescentes pesquisados sofram no ambiente familiar e que esses possam ser fatores de vulnerabilidade que estimulem comportamentos violentos.

Vale realçar que a violência na família é um problema social, e os profissionais da saúde, enfermeiros precisam estar respaldados na compreensão das relações sociais e intervir com orientações aos pais e responsáveis quanto à importância da não violência como um método correto de resolução de conflitos, mostrando-lhes modelos alternativos de disciplina que lhes propiciem uma ideia positiva do futuro.

## REFERÊNCIAS

1. Cia F, Pamplin RCO, Williams LCA. O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. *Psicologia em Estudo*, Maringá [Internet]. 2008 [cited 2012 Apr/June 13];(2):351-60. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a18v13n2.pdf>.
2. Justo AP, Lipp MEN. A influência do estilo parental no stress do adolescente. *Boletim Português/Inglês Rev enferm UFPE on line.*, Recife, 9(11):9688-98, nov., 2015
3. Gfroerer KP, Kern RM, Curlette WL, White J, Jonyniené J. Parenting style and personality: perceptions of mothers, fathers, and adolescents. *The J of Individual Psycho* [Internet]. 2011 [cited 2012 Mar];67(1):57-73. Available from: <http://connection.ebscohost.com/c/articles/65596929/parenting-style-personality-perceptions-mothers-fathers-adolescents>.
4. Paula JMP. Estilos parentais, inteligência emocional e o enfant terrible: relações, implicações e reflexões. *Rev Enf Ref* [Internet]. 2012 [cited 2014 Nov 20];3(8):155-62. Available from: [http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-02832012000300016&lng=pt](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832012000300016&lng=pt). <http://dx.doi.org/10.12707/R111203>.
5. Carmo APHB, Alvarenga P. Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes níveis socioeconômicos. *Estud. psicol. Natal*. [Internet]. 2012 Aug 17];(2):191-7. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2012000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2012000200001&lng=en&nrm=iso).
6. Baumrind D. Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development* [Internet]. 1996 [cited 2014 Nov 20];37(4):887-907. Available from: <http://persweb.wabash.edu/facstaff/hortonr/articles%20for%20class/baumrind>.
7. Manzeske DP, Stright AD - Parenting styles and emotion regulation: the role of behavioral and psychological control during young adulthood. *J of Adult Development* [Internet]. 2009 [cited 2009 Apr 18];16(4):223-9. Available from: <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10804-009-9068-9#page-2>
8. Bailey JA, Hill KG, Oesterle S, Hawkins JD. Parenting practices and problem behaviors across three generations: monitoring, harsh discipline, and drug use in the intergenerational transmission of externalizing behavior. *Developmental Psychology* [Internet]. 2009 [cited 2014 Sept 20];45(5):1214-1226. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2766356/>
9. Kerr DCR, Capaldi DM, Pears KC, Owen LD. A prospective three generational study of fathers' constructive parenting: Influences from family of origin, adolescent adjustment,

and offspring temperament. *Developmental Psychology* [Internet]. 2009 [cited 2009 Sept 10];45(5):1257-75. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19702390>

10. Minayo MCS. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde In: NJAINE, Kathie (Org.). *Impactos da Violência na Saúde*. 2nd ed - Rio de Janeiro, RJ: Fundação Oswaldo Cruz; Educação a Distância da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca; 2009. p. 21-41.

11. Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência*/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. - Brasília: Ministério da Saúde, 2009. p.44 : il. - (Série F. Comunicação e Educação em Saúde).

12. Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF). *Situação Mundial da Infância 2011: adolescência uma fase de oportunidades* [Internet]. 2011 [cited 2014 May 10]. Available from: [www.unicef.org/sowc2011](http://www.unicef.org/sowc2011)

13. Waiselfisz JJ. *Mapa da Violência 2012. Crianças e adolescentes do Brasil*. Available from:

[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012\\_Criancas\\_e\\_Adolescentes.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_Criancas_e_Adolescentes.pdf)

14. Brasil. Sistema de Informações para Infância e Adolescência (SIPIA) Estatísticas [Internet]. 2014. [cited 2014 May 10]. Available from: <http://www.sipia.gov.br/>

15. Nogueira LA, Sternadt JM. Caracterização dos atendimentos realizados por um conselho tutelar em 2009. *Sábios: Rev Saúde e Biol* [Internet] 2009 [cited 2014 May 10];7(3):24-35. Available from: <http://revista.grupointegrado.br/revista/index.php/sabios2/article/view/1218>

16. Cavalcanti FG, Shenker M. *Violência, família e sociedade*, 2009 [in] Nijaine (Org). *Impactos da violência na saúde*. 2nd ed. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Oswaldo Cruz; Educação a Distância da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca; 2009.

17. UNICEF Brasil. *Relatório da Situação da Infância e Adolescência Brasileiras*. [Internet] [cited 2014 May 10]. Available from: <http://www.unicef.org.br>

18. SAS Institute INC. *SAS/STAT® user's guide*, Version 9.2, Cary: SAS Institute; 2008.

19. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) *Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade*. Brasil. 2010-2011. Available from:

<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice>

20. Paraguay. *La Infancia cuenta Paraguay. Sistema de indicadores en niñez y adolescencia*. Asunción: Coordinadora por los Derechos de la Infancia y la Adolescencia (CDIA), 2010. Available from: [http://www.cdia.org.py/gfx/publicaciones/Indicadores\\_FINALISIMO\\_16set.pdf](http://www.cdia.org.py/gfx/publicaciones/Indicadores_FINALISIMO_16set.pdf)

21. CIA World Factbook. *South America 2009-2012*. 2013. Available from: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook>

22. Moreira-Almeida A, Pinsky I, Zaleski M, Laranjeira R. Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Rev psiquiatr clín* [Internet] 2010 [cited 2010 Jan 10];37(1):12-15. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n1/a03v37n1>

23. Medina Y, Suryadarma D, Suryahadi A. *Destined for destitution: intergenerational poverty persistence in Indonesia*. Jakarta: Chronic Poverty Research Centre, SMERU Research Institute, [Internet] 2009 [cited 2009 Jan];1-10. Available from: [http://www.eaber.org/sites/default/files/documents/SMERU\\_Pakpahan\\_2009.pdf](http://www.eaber.org/sites/default/files/documents/SMERU_Pakpahan_2009.pdf)

24. Costa L, Dell'Aglío D. *Jovens em situação de vulnerabilidade social: a rede de apoio e o uso de drogas*. In: Dell'Aglío, SD Koller, organizadores. *Adolescência e juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011.

25. Bezerra JB, Gomes MVB, Tenório MC, Tassitano RM, Barros SSH, Hallal PC. *Religiosidade, consumo de bebidas alcoólicas e tabagismo em adolescentes*. *Rev Panam Salud Publica* [Internet]. 2009 [cited 2014 Dec 16];26(5):440-6. Available from: [http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1020-49892009001100009&lng=en](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892009001100009&lng=en). <http://dx.doi.org/10.1590/S1020-49892009001100009>.

26. Ministério da Saúde (BR). Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, Secretaria de Atenção à Saúde, Ministério da Saúde. *Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde* 2010. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2010.

27. Souza M, Oliveira A. *Fatores de proteção familiares, situação de risco, comportamentos e expectativas de jovens de baixa renda*. In: Dell'Aglío D, Koller S. *Adolescência e*

Priotto EP, Ferriani MGC, Silva MAI et al.

Práticas Educativas na Convivência Familiar...

juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011.

28. Silva CD, Gomes VLO, Acosta DF, Barlem ELD, Fonseca AD. Epidemiologia da violência contra a mulher: características do agressor e do ato violento. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2013 [cited 2013 Jan 02];7(1):8-14. Available from: [http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/3554/pdf\\_179](http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/3554/pdf_179) 1

29. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. **Viva: vigilância de violências e acidentes, 2008 e 2009.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010. Available from: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/viva>.

30. Salbego LP, Silveira A, Hammerschmid KSA. Práticas de Enfermagem com Educação em Saúde no contexto familiar: revisão integrativa. Rev Enferm UFPE on line [internet] 2014 [cited 2014 dez]; 8(12):4362-72. Disponível em: [http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/5115/pdf\\_6782](http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/5115/pdf_6782)

Submissão: 23/12/2014

Aceito: 15/09/2015

Publicado: 01/11/2015

#### Correspondência

Elis Palma Priotto  
Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300  
Bairro Jd. Universitário  
CEP 85870-650 – Foz do Iguaçu (PR), Brasil